

GT 01 - DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL**A DIVERSIDADE COMO INSTRUMENTAL HEURÍSTICO PARA A FORMAÇÃO
HUMANA**Edgar Antônio Nery Alves Camelo.¹Isaac Varela Veloso.²Rogério André Benaion.³**Resumo**

Neste artigo, problematizamos a diversidade de forma a compreendê-la sob uma perspectiva heurística na formação humana, pois vivemos em um momento em que os discursos de intolerância e ódio tem repercutido. Portanto, a diversidade enquanto conceito de análise na produção do conhecimento, pode significar uma compreensão crítica ao passo que possibilita aos sujeitos compreender a importância das diversidades multiculturais, interseccionada de gênero, raça, etnia e orientação sexual. Enquanto conceito heurístico, a diversidade perpassa a característica meramente descritiva, dando significado educativo humano, na tentativa de conter a intolerância. Para fundamentar nossa análise, buscamos as considerações de Reis e Lopes (2016, p.151), que dizem ser a educação um “instrumento eficaz de formação individual e coletiva”. Sabemos que, em nossa sociedade, diversos são os lugares de fala nas dimensões da vida social, ao qual os indivíduos reproduzem certos valores e opiniões. Portanto, é a característica da diferença que nos constitui como sociedade. Na história humana, os diferentes coletivos, possibilitaram a existência de várias culturas, formando a nossa diversidade multicultural. Muitas são as concepções de mundo de nossa sociabilidade, e a diversidade precisa ser problematizada na dimensão educativa, tornando-a, assim, mais que um termo descritivo. Trata-se, portanto, não de um conceito engessado, que possibilita a manutenção do status quo da sociedade cuja diversidade está circunscrita também na ordem social capitalista, mas, sobretudo, na medida em que a entendemos a partir das contradições das relações de poder e força que segregam a sociabilidade humana. Reis e Lopes (2016, p.154), fundamentadas na concepção de Moehlecke (2009) sobre a diversidade, esclarecem que “pode indicar tanto a percepção da própria variedade humana, física, social e ambiental existente em nossa sociedade, como um

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, Campus II; Pós-Graduando em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas; Graduado em bacharelado em Serviço Social pela Universidade Federal de Goiás, Campus Cidade de Goiás; Graduando licenciatura Letras, Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas. ednery_10@hotmail.com

² Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela Uninter Educacional S/A (UNINTER); Pós-Graduando em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas, Graduado em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira Campus Goiânia. isavave@gmail.com

³ Pós-graduando em Políticas Públicas pelo Instituto Federal de Goiás, Campus Goiânia, Pós-graduando em docência universitária pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Inhumas; Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rio de Janeiro, Campus Largo do São Francisco. benaion.rog@gmail.com

conjunto múltiplo e complexo de significados”. Acreditamos que a diversidade enquanto conceito, deve ser dialogicamente apresentada na formação humana de forma heurística, crítica e reflexiva.

Palavras-chave. Educação omnilateral. Diversidade. Multiculturalidade. Heurística.

Introdução

No século XXI, encontramos muitos desafios próprios de nosso tempo. Dentre estes problemas, a crescente intolerância nos discursos, o que nos chamou a atenção para um olhar específico, ao mesmo tempo crítico, sobre o conceito de diversidade na educação. Nesse sentido, a alienação do homem, frente aos interesses capitalistas, tornou-se novamente central para as análises, pois trata-se de uma prática comum e cotidiana, que busca condenar o nosso espírito às mazelas do capital. Marx (2004), nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, aponta o que seria alienação, e as divide em quatro tipos: primeiro em relação ao produto do trabalho; segundo, diz respeito ao processo de trabalho; terceiro, em relação a si próprio enquanto gênero humano e quarto, em relação aos outros homens.

Em nossa análise, nos referimos à alienação para mostrar que a educação dos dias de hoje, subordinada ao interesse dominante, leva em consideração, alienar. Sendo assim, quem recebe essa educação está sujeito a alienar-se de si mesmo, e com o outro, enquanto espécie do gênero humano. Isto é, o indivíduo está tolhido de instrumentais teóricos e conceituais, que dão a ele uma visão panorâmica das contradições do mundo, a educação o forma para o trabalho alienando.

No Brasil, a educação sofre com a alienação do capital. Segundo Antunes (2012) a nossa educação precisa superar o modelo de educação do capital, uma educação fordista, taylorista, toyotista, que atua numa perspectiva hierarquizada, parcelar, flexibilizada. Esse modelo de educação, busca responder às demandas técnicas do capital, bem como, contribui para a investida conservadora, que se agrava, devido à crise estrutural do capital, portanto, essa educação se adapta de acordo com os interesses do capital. Sobre este assunto, Saviani (2017, p. 42) nos diz que,

Podemos considerar que essa situação de crise global, de caráter estrutural, impacta fortemente a educação de várias maneiras as quais, no entanto, (...) corresponde à tendência que vem prevalecendo na qual a educação, de modo geral, e a escola em particular, cada vez mais se vergam ante as imposições do mercado.

As considerações deste autor aponta para a subordinação na qual a educação está sujeita à ordem econômica. Nesta perspectiva, temos acompanhado a contradição dos projetos de leis que tem

sido impostos para responder ao mercado, projetos que atentam contra o princípio da educação pública liberal. Ou seja, que se opõe ao modelo escolanovista. Saviani (2012, p.48) nos diz que;

E hoje nós sabemos, com certa tranquilidade, já, a quem serviu essa democracia e quem se beneficiou dela, quem vivenciou esses procedimentos democráticos no interior das escolas novas. Não foi o povo, não foram os operários, não foi o proletariado. Essas experiências ficaram restritas a pequenos grupos, e nesse sentido elas constituíram-se, em geral, em privilégios para os privilegiados, legitimando as diferenças.

Saviani (2002) nos mostra que o modelo da escola nova, segregou os indivíduos, legitimando as diferenças, em uma perspectiva econômica, bem como, nos mostra que todas as ações dessa forma de fazer educação responde a um interesse. Desse modo, a escola vem sendo atacada por uma ofensiva conservadora, para buscar atender as demandas desse sistema. Temos como exemplo para ilustrar essa ofensiva, projetos de lei, como o “Escola sem Partido”, que em síntese, criminaliza o pensamento crítico, como: gênero, sexualidade e diversidade entre outras tantas formas de reflexão da nossa sociedade.

Nesse momento, no Brasil, várias são as propostas e projetos de lei que ilustram essa ofensiva conservadora e, sobretudo, dissemina o ódio ao diferente. Essa disseminação ao ódio, tem mudado as formas de nos relacionarmos em sociedade. As práticas sociais, estão carregadas de preconceito, ódio e juízo de valor no que concerne à violência, trazendo implicações tantas para a diversidade humana, bem como, trazem à cena conjuntural um conflito, fundamentalmente, ideológico, de proporções devastadores para a educação, uma vez que as disciplinas, que possibilitavam trabalhar as diferenças e o respeito humano, estão sendo retiradas dos currículos com a recente “Reforma do Ensino Médio”. Vimos disciplinas como, Sociologia, Filosofia, Artes, serem atacadas duramente sobre o prisma da intolerância. Tais reformas ou contrarreformas, como já explicamos anteriormente, se devem ao fato da educação responder a essa crise estrutural do capital, formando cada vez mais pessoas ao trabalho técnico. Acreditamos que essas práticas atacam os princípios da educação voltada para a emancipação humana, reduzindo a possibilidade de trabalhar o espírito dos indivíduos, das algemas que perfazem a ignorância e a alienação.

Portanto, a educação utiliza-se das poucas armas que tem, uma vez que até o ato de ensinar presencialmente, nesses tempos, está sendo criminalizado e combatido violentamente. Consideramos que é por meio de instrumentais teóricos que a educação busca responder aos conflitos e dirimir as relações humanas que segregam, sobretudo, aquelas culturalmente determinadas pela história. É dando ênfase aos instrumentos de reflexão, que se distanciam do modelo tradicional da escola do

capital, que nos faz acreditar no poder transformador da educação. Segundo a Reis e Lopes (2016, p.151)

A educação é o instrumento mais eficaz de formação individual e coletiva, e pode possibilitar que as pessoas consigam compreender melhor a si mesmas e aos contextos em que vivem, sendo dessa forma, um suporte para ações e transformações pessoais, sociais e planetárias.

As autoras inferem no caráter transformador que a educação possui. Desse modo, a diversidade enquanto conceito heurístico para a educação, problematizador e problematizante da sociedade e dos indivíduos, coloca o ser nessa relação dialética, como sujeito e objeto da reflexão. Assim, podendo partir da diferença para mostrar, guardadas as devidas contradições, que compreender a diversidade na forma heurística e crítica é importante no processo formativo, visto que, além de problematizar o contexto histórico em que se vive, problematiza as relações humanas principalmente no que concerne às intolerâncias. Segundo Reis e Lopes (2016, p.154);

A expressão diversidade na concepção de Moehlecke (2009), pode indicar tanto a percepção da própria variedade humana, física, social e ambiental existente em nossa sociedade, como um conjunto múltiplo e complexo de significados.

49

Partindo desta análise, a diversidade é um conceito que possibilita um olhar diversificado para as relações humanas, como práticas, culturais, étnicas, religiosas, sociais, econômicas, entre outras formas de diferença.

Todavia, o conceito de diversidade na sua forma simples e descritiva, pode ser mal interpretado, distorcido, bem como, trabalhado de forma equivocada, uma vez, que a educação do capital consegue subverter a lógica educacional para atender a suas demandas. Neste âmbito, entendemos que a diversidade possui uma contradição, quando explicitada de forma descritiva em seu sentido terminológico, somente relacionado às interações sociais.

Dessas interações, contudo, há que se preocupar com algumas questões próprias dos embates, dos choques culturais, como destaca Woodward (2009, p. 50), que dizendo sobre as diferenças, nos apresenta a seguinte discussão:

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou “forasteiros”. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”).

Por tudo isso, importante notarmos que a chamada “diferença”, é como um medicamento, pode tanto ajudar no desenvolvimento e maturação da identidade pessoal, que como foi dito, é resultado de várias interações sociais ao longo da vida do indivíduo, terminando numa valorização da diversidade, como também pode envenenar as relações sociais, quando é utilizada como quesito para a segregação de determinado grupo social.

Portanto, trabalhar esse conceito na educação de forma descritiva de diversidade, o que implica estritamente no pluralismo das relações culturais humanas, ao qual está voltado ao sentido de diferença, podem trazer conflitos, uma vez que, a escola é conservadora, bem como, parcelas sociais de nossa sociabilidade. O fato é que esse conceito possui potencial para ir além na reflexão. Consideramos a necessidade de olhar para alguns tipos de diferenças de forma crítica, como por exemplo, a diferença econômica, pois, se trata de uma forma de exclusão e não de inclusão.

Na lógica liberal da educação, vemos que essa diferença implica em um dualismo educacional, como nos mostrou o sociólogo Florestan Fernandes (1989). Dualismo esse que foi pensado pelos representantes do capital, que buscaram coisificar o homem, submetendo-o à alienação, enquanto espécie humana, e mantendo o *status quo* desta sociedade capitalista. Nosso objetivo de olhar para a diversidade para além de sua significação descritiva e terminológica é, sobretudo, entendê-la como um instrumental heurístico para a formação humana. É entendê-la de forma relativa, ao mesmo tempo em que nos traz à luz, a possibilidade de dialogar com a contradição, e possibilitar um debate libertário do gênero humano, em consonância a isso, contribuir para a convivência humana, eliminando o preconceito, o racismo, a homofobia e o machismo entre outras formas de ódio e preconceito que segrega-nos.

Procedimentos metodológicos

A metodologia que utilizamos para a produção deste estudo foi qualitativa, uma vez que nos fundamentamos em aspectos subjetivos a serem observados e analisados a partir de teóricos que trabalham com educação e diversidade.

Escolhemos essa abordagem como eixo norteador da investigação, pois, segundo Minayo (2000, p. 21 e 22), essa perspectiva “trabalha, com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Desse modo, acreditamos que a diversidade é um importante instrumental heurístico na reflexão dos valores humanos, bem como, da própria realidade social, econômica, cultural ao qual nos traz a luz da reflexão, as contradições da nossa sociabilidade capitalista.

A diversidade como instrumento heurístico para a Educação omnilateral

É histórico que no Brasil a educação esteja sempre relacionada à manutenção do *status quo*. Nas palavras de Florestan Fernandes (1989), a educação está inserida no chamado dualismo educacional. O autor utiliza esta definição para nos mostrar que a educação brasileira possui essa dicotomia, uma tensão entre as classes, de uma educação para classes dominadas e uma educação para classes dominantes, pois há, claramente, um projeto de sociedade que vigora e segrega a educação. Em outras palavras, os filhos das pessoas da elite econômica terão uma educação voltada para a formação ampla e direcionada aos melhores cargos. Já para os filhos das classes desfavorecidas, um ensino direcionado às necessidades do mercado, bem restrita, para formar mão de obra assalariada.

Desse modo, a reprodução social é mantida no núcleo familiar, pois não há uma mobilidade social. A escola, enquanto instituição social, nesse sistema capitalista, nos impõe como um “Aparelho Ideológico de Estado”, no sentido categorizado por Althusser (1989). De uma escola que está a serviço do Estado hegemônico, que representa a burguesia e tem como finalidade, manter a hegemonia e o *status quo*. Partindo de tais pressupostos, aparenta-se não haver uma solução, para nosso problema educacional, todavia, compreendemos que uma das principais possibilidades de mudanças deste cenário, além do fim do Estado capitalista, está no papel do professor enquanto agente, a serviço de educação, com as suas metodologias e instrumentais voltados à formação ampla, trabalhando a contradição.

Consideramos que esse legado crítico, que possibilita refletir sobre as contradições da sociedade capitalista, fez surgir a formação omnilateral, ao qual Portelli (1977) nos esclarece pelo prisma da tradição Marxista, de uma educação que busca romper com a unilateralidade da formação da escola do capital, ao qual, desde os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, Marx (2004) refere-se a uma formação humana, que se opunha à formação unilateral do capital e sua forma de alienação. Nesse sentido, a formação omnilateral pode, e deve ser, a antítese da formação do capital, voltada apenas para satisfazer o mercado. O educador precisa estar instrumentalizado de conceitos heurísticos que possam ilustrar pedagogicamente as relações sociais nesta formação humana, apresentando-lhes a contradição. Voltar-se para a contradição das nossas relações humanas nos possibilita quebrar velhos paradigmas.

Segundo Portelli (1977), a educação omnilateral contribui, ainda, para uma ruptura com a formação do homem cerceado desta sociedade do capital. A diversidade nos surge, enquanto um

importante instrumental heurístico, a partir do momento em que relativizamos na contradição social e conceitual, as implicações para diversidade humana. A unilateralidade da formação educacional da sociedade capitalista, de uma educação para burgueses e outra para trabalhadores, vem ganhando importantes instrumentais conceituais para a emancipação humana. Portanto, a diversidade pode, como instrumento heurístico, ressignificar os valores humanos, ao mesmo tempo que distanciando das formas de educação capitalista que nos segregam.

Temos na formação omnilateral uma postura que, a partir da reflexão, se desenvolve no indivíduo, da possibilidade de revolucionar diante do mundo capitalista e suas estratégias de segregação e manutenção. Temos na diversidade um instrumento conceitual de forma heurística que permite significar a contradição nesse processo de ruptura com o modelo da educação do capital, permitindo ir além dessa diferença, trabalhando ainda, com as outras formas de diferenças que nos acometem, como o gênero e suas intersecções de raça, credo, etnia e etc.

A mudança na postura educacional, de uma formação crítica e, não obstante, omnilateral, precisa estar significada de duas dimensões: da ordem discursiva, ao combater as manifestações de intolerância das múltiplas formas culturais, raciais, étnicas; bem como, das contradições das relações capitalistas, mostrando como a sociedade capitalista é constituída, e como promove a educação, ou seja, uma educação dual, que segrega, não só do ponto de vista econômico, mas também social. Nesse sentido, a diversidade possui potencial para uma ampla reflexão, nos servindo como um instrumento heurístico para uma formação omnilateral.

Nessa perspectiva, a diversidade dá os primeiros passos com a finalidade de contribuir para uma verdadeira mudança social e garantir às classes sociais exploradas uma excelente preparação intelectual, consciente de si e do mundo, e, principalmente, com discernimento para posicionar-se para as mudanças e transformações nas relações sociais.

Considerações finais

Em nosso trabalho foi possível concluir que a diversidade pode e deve ser vista de forma crítica, de modo a ser um instrumental heurístico para a educação, e formação omnilateral. Este estudo permitiu-nos, ainda, entender criticamente a sociedade, uma vez que as próprias contradições que a sua semântica carrega, nos proporciona uma reflexão para além da superficialidade do termo e das relações sociais.

Desse modo, trabalhar com a diversidade como um instrumento heurístico, possibilita libertarmos nossas consciências da alienação da nossa sociedade, na medida em que trabalhamos as

contradições da sociabilidade capitalista. Podemos, por meio desse instrumento heurístico, trabalhar com as intolerâncias e o ódio que segregam o diferente e os colocam a margem das relações sociais, bem como a importância do respeito a sexualidade, ao gênero, e suas intersecções.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. São Paulo. Editora Cortez (autores associados), 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 16 ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

PORTELLI, Hugues, Gramsci e o bloco histórico. Volume 7. Ed. Paz e Terra

REIS, Marlene Barbosa de Fritas; LOPES, Cristiane R. *Educação e Diversidade: uma relação de alteridade nas práticas escolares*. In: SUANNO, Marilza V. R.; FREITAS, Carla C. de. (Orgs) *Razão Sensível e Complexidade na Formação de Professores: desafios transdisciplinares*. Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 151-165.

SAVIANI, Dermeval, *A Crise Estrutural Do Capitalismo E Seus Impactos Na Educação Brasileira*. In: LOMBARDI, José Claudinei. *Crise Capitalista E Educação Brasileira*. Uberlândia: ed. Navegando publicações. 2017. P. 31-44

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2012.

WOOWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.